

**APRESENTAÇÃO ÁGUA VIVA 2021.2 – DOSSIÊ ESPECIAL****CAMINHOS E DESCAMINHOS DO FANTÁSTICO: LITERATURA FANTÁSTICA EM SUAS MÚLTIPLAS FORMAS E EXPRESSÕES**

DOI: 10.26512/aguaviva.v6i2.39265

É clássica a citação de Louis Vax na primeira linha de seu texto *A arte e a literatura fantásticas* (1972, p. 7, grifos do autor): “Não nos arrisquemos a definir o fantástico: os próprios editores da *Checklist of fantastic literature* a tal renunciaram”. Cinquenta anos depois, autores como David Roas, em *A ameaça do fantástico* (2014), ponderam a respeito de possibilidades e delimitações sobre definições do fantástico, antevendo a difícil empreitada que se interpõe.

Na passagem do ocaso da década de dez do século XXI e anúncio de uma nova década em pleno período pandêmico, nos abtemos de definições e conceitos e optamos por vias diferentes, por caminhos ou descaminhos que se interceptam, se afastam, se entrecruzam e que por isso nos possibilitam novas searas e expressões dessa literatura que contém elementos insólitos, estranhos, por vezes mórbidos, extra empíricos, científicos, mas que ao final nos fornece um tipo de manifestação artística que aponta para a própria surrealidade nossa de cada dia, ou como bem detecta José J. Veiga, um dos expoentes do Realismo Mágico no Brasil, em entrevista concedida a Antonio Armoni Prado (1989) sobre casos de hanseníase que ainda se contavam no Brasil em pleno século XX: “Ora, isso é que é fantástico, no mundo de hoje acontecer esse tipo de coisa. Um mundo fantástico? É o nosso mundo” (VEIGA, *Apud* PRADO, 1989, p. 29).

Esta Edição da Revista Água Viva, cuja temática ressalta a Literatura Fantástica em suas múltiplas formas e expressões, apresenta artigos relevantes não apenas para acadêmicos e acadêmicas que se debruçam sobre o tema, mas para futuros pesquisadores e pesquisadoras, leitores e leitoras, escritores e escritoras e estudantes, ou seja, todos e todas que acreditam que irrupções de algo estranho podem mimetizar certas verdades que poríamos em não admitir.

Paulo César Ribeiro Filho em MARIE-CATHERINE D’AULNOY: A PRECURSORA DE UM GÊNERO LITERÁRIO, deslinda que cabe à condessa francesa Marie-Catherine Le Jumel de Barneville, tanto a cunhagem do termo “conto de fadas” (conte de fées) quanto a autoria do primeiro conto de fadas literário, “A Ilha da Felicidade” (L’Île de la Félicité), de



1690. O/A pesquisador (a) não apenas estabelece um percurso da vertente *conto de fadas*, como propõe divulgar a escrita de Barneville, autora que permaneceu fora do cânone da vertente por ela inaugurada.

O artigo A BATALHA DO FANTÁSTICO: PANORAMA TEÓRICO-CRÍTICO DO SÉCULO XX, de Edson José Rodrigues Júnior, parte dos estudos todorovianos para após trazer um debate entre diferentes críticos que se arvoraram na sempre árdua tarefa de se conceituar o fantástico, bem como traz ao lume a antiga problemática em torno do fantástico enquanto gênero ou modo.

Também no artigo EM BUSCA DE DEFINIÇÕES: SOBRE A PLURALIDADE DO FANTÁSTICO, Jean Carlos Carniel coteja um trabalho no qual teóricos e organizadores de *Antologia dos contos portugueses*, obra que compila narrativas fantásticas portuguesas dos séculos XIX e XX, perscrutam irrupções do fantástico em narrativas. Vê-se que esses contos, muitos extraídos da tradição oral portuguesa, são fonte para entendermos a manifestação do fantástico de forma muito pontual, a saber: o panorama do fantástico no contexto português.

Ainda seguindo a linha do percurso do fantástico, temos o trabalho de Cristina Loff Knapp e de Alana Brezolin em A EVOLUÇÃO DA LITERATURA FANTÁSTICA DE “AS ROSAS”, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA A “AS FLORES”, DE AUGUSTA FARO. Julia Lopes de Almeida e Augusta Faro, escritoras brasileiras, se aproximam não apenas por trazem irrupções do insólito em suas narrativas, bem como por não terem tido o devido reconhecimento por parte da crítica; ao passo que se afastam por engendram o fantástico por caminhos diferentes. As décadas que separam as autoras possibilitam à Augusta Faro a inserção de personagens femininas mais engajadas e menos submissas que as de Julia Lopes de Almeida.

O duplo, tema que aparece não com pouca frequência em narrativas que salientam irrupções fantásticas, é pesquisado por Milena Lourenço e por Alexander Meireles da Silva no artigo MITOLOGIA E TOPOANÁLISE NA COMPOSIÇÃO DO DUPLO GOLLUM: O ESPELHO DO ESPAÇO. Gollum, figura especular e uma das mais marcantes da saga *O Senhor dos Anéis*, estandardiza as fronteiras entre o humano e o monstruoso, daí que o trabalho analisa a personagem a partir de manifestações míticas e espaciais.

Amanda Naves Berchez em O ETERNO FAZER DE SÍSIFO: LEITURAS RELACIONAIS ENTRE A CONTÍSTICA DE MURILO RUBIÃO E A TRADIÇÃO MITOLÓGICA CLÁSSICA traz um diálogo comparativista entre a Mitologia greco-romana e contos selecionados de Murilo Rubião de forma a corroborar a escrita muriliana enquanto propulsora a novas reflexões e leituras. Ademais, o artigo sublinha não só a excelência de



Murilo Rubião enquanto escritor, mas também como leitor pelo fato de muitas de suas narrativas incorporarem elementos míticos com sentido e solidez ao arco narrativo.

Contemporâneo a Murilo Rubião e também um dos escritores do fantástico no Brasil, José J. Veiga é ressaltado no artigo UMA “FANTASIA AMARGA”: O FANTÁSTICO EM A HORA DOS RUMINANTES, DA LITERATURA AO CINEMA, de Marcelo Cordeiro de Mello. O autor propõe uma leitura da narrativa de Veiga, *A hora dos ruminantes*, idealizada em 1967 para o cinema pelas mãos do cineasta Luiz Sergio Person. Embora tal empreitada não tenha se concretizado, o artigo faz uma leitura do roteiro cinematográfico (que faz parte da Cinemateca Brasileira) de forma a indagar se haveria, através de alegorias e outras figuras de linguagem, uma possível alusão à estética fantástica tão bem firmada pelas mãos de José J. Veiga.

Cabe destacar que Murilo Rubião e José J. Veiga presenciaram o que a crítica costuma nomear como o *boom* do realismo maravilhoso em solo latino-americano. De matriz europeia, o realismo maravilhoso em nosso continente desenvolve-se matizado por nuances regionais, conforme atestamos no artigo O MARAVILHOSO LATINO-AMERICANO FRENTE A MODERNIDADE E A VIDA INVEROSSÍMIL, de Mariana Batista dos Santos.

Ainda no tocante às produções enfeixadas na vertente do realismo maravilhoso produzidas fora do circuito europeu, o artigo de Fabricio Vaz Nunes e de Sabrina Paula de Lima, O IMAGINÁRIO FANTÁSTICO EM TORNO DE AURA, DE CARLOS FUENTES, ressalta a escrita do mexicano Carlos Fuentes na novela *Aura*. O trabalho investiga, a partir da tessitura fantástica e das semiotizações da narrativa para o cinema, animação e ilustração de livros, relações entre texto e imagem, e até que ponto a imagem estaria rompendo ou não a ordem representada pela escrita.

Adriana Aparecida de Jesus Reis e Inessa Rosa de Amorim corporificam seu artigo CAMINHOS DO MARAVILHOSO EM GIAMBATTISTA BASILE a partir de leituras de *Lo cunto de li cunti*, do italiano Giambattista Basile (1566-1632), de forma a reforçar a influência do escritor para a tradição oral do conto maravilhoso, bem como promover um inventário de elementos comumente presentes nos contos maravilhosos. O/A pesquisador/a ainda ressalta a influência de Basile em produções cinematográficas que têm como eixo principal a presença do maravilhoso.

No artigo FANTÁSTICO E HORROR CÓSMICO EM “HORROR NO MORRO”, DE FELIPE TEODORO, Nathalia Sorgon Scotuzzi analisa o conto “Horror no morro”, do brasileiro Felipe Teodoro, a partir da estética do horror cósmico lovecraftiana e como tal se



estabelece na narrativa. Trata-se de uma narrativa que tem como protagonista uma criança que vivencia uma realidade triste e violenta, e que busca nas reminiscências de seu passado com o pai (assassinado) uma forma de aplacar sua dor.

A partir de uma perspectiva dialógica, o artigo “SAÍ PARA ME DIVERTIR, ACABEI NUM ENTERRO”: A MENIPELA, O FANTÁSTICO, O RISO E O DIALOGISMO EM “BOBÓK”, DE DOSTOIÉVSKI, de Ana Maria Abrahão dos Santos Oliveira, propõe uma leitura do conto “Bobók” à luz das teorias fantásticas. No conto, um escritor fracassado coloca-se como ouvinte para as histórias de pessoas mortas que “conversam” entre si. A narrativa, como em outras de Dostoiévski, não deixa de alegorizar a própria decadência da aristocracia russa.

Wanderson Barbosa dos Santos no artigo SOBRE DUAS CENAS FANTÁSTICAS - AS AFINIDADES ELETIVAS DE GOETHE E O PRAZER E A PENITÊNCIA DE SILVINA OCAMPO faz uma leitura crítico-analítica das obras de Goethe e Silvina Ocampo destacando certos maniqueísmos como castigo e desejo, prazer e penitência e como tais se imiscuem às irrupções do fantástico, para ao final comprovar que, nas narrativas, é o misterioso que atua como ponto de separação entre o realismo e a fantasia.

A vertente da ficção científica é debatida no artigo de Rubens Angelo de Paiva Ribeiro, CINCO ERROS NA ESCRITA DE FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA. Longe de um estatuto de como escrever ficção científica, na verdade o artigo elenca a importância de se problematizar a respeito de um tipo de arte pouco produzido no Brasil e talvez até mesmo pouco consumida. Espanta-nos o fato de termos um país vasto, complexo e múltiplo como o Brasil, e tão pouca literatura de ficção científica brasileira, ao passo que esta pode sim trazer importantes temas como identidade, memória e cultura.

Voltando-nos para o ensino, vemos que William José de Carvalho Filho defende, no artigo A IMPORTÂNCIA DA FICÇÃO CIENTÍFICA PARA A FORMAÇÃO DE CIENTISTAS E NA PRODUÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS, a importância de se debater a vertente em sala de aula no sentido de que muitas discussões levantadas por narrativas da ficção científica descortinam mundos e situações que não apenas fascinam os leitores em formação, como também podem ser a “porta de entrada” para a formação de futuros cientistas.

José Antonio Moraes Costa e Naiara Sales Araújo em O MEDO NA NARRATIVA FANTÁSTICA: A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA E CINEMATOGRAFICA DOS PERSONAGENS DE IT: A COISA conduz análises do romance *It: A coisa*, de Stephen King, escrito em 1986, e o filme homônimo de Andy Muschietti, produzido em 2017, tendo como



vetor a presença do medo, partindo da hipótese de que o texto literário, ainda que não utilize imagens e enquadramentos cinematográficos, também consegue potencializar o inverossímil e ampliar o terror ao utilizar recursos narrativos específicos.

Prof. Dr. Alexander Meireles da Silva
Profª. Dra. Fabiana Simão Bellizzi Carneiro
Organizadores do dossiê